

Destaque Rural Nº 165

14 de Abril de 2022



CRÉDITO INTERNO AO SECTOR AGRÁRIO: DESAPARECENDO NO TEMPO

Yara Nova e João Mosca¹

1. INTRODUÇÃO

O presente texto é parte dos resultados da pesquisa sobre transformação estrutural da economia e da agricultura em curso no Observatório do Meio Rural, durante o ano de 2022. Para além do texto final, serão produzidos pequenos trabalhos sobre aspectos específicos do tema.

Este estudo, em particular, tem como objectivo analisar a evolução do crédito bancário ao sector agrário entre o período 2001 a 2021. Créditos com outros fundos, nomeadamente o Fundo de Desenvolvimento Agrário, microcrédito formal e formas informais de crédito e permuta não são abordados neste texto. Neste texto, não se faz qualquer relação entre o crédito e outras variáveis da economia agrária e do conjunto da economia, como o investimento, a inovação técnica, formação, investigação, etc. Esse trabalho está previsto no âmbito do projecto de pesquisa em curso.

Para este Destaque Rural, foram utilizadas fontes secundárias do Banco de Moçambique (BdeM).

Para a análise dos dados foram seleccionados: (1) o crédito agrário e crédito total à economia; (2) os três sectores com maior volume de crédito; (3) a distribuição do crédito por sector de actividade; e, (4) o crédito por produto agrário e sua distribuição ao longo do período em análise.

¹ Yara Nova, Licenciada em Economia, Mestre em Economia e Políticas Públicas e assistente de investigação no OMR. João Mosca, Doutor em Economia e Sociologia Rural, pesquisador do OMR.

2. BREVE CONTEXTO

O crédito agrário desempenha um papel importante na oferta de factores produtivos e na realização de actividades agrícolas (Bahşi & Çetin, 2020). Este papel passa pela comercialização agrícola, modernização da agricultura e da economia rural e, em geral, na contribuição para a redução dos constrangimentos dos produtores agrícolas no aumento produção e produtividade agrícola (Rehman *et al.*, 2019).

Em Moçambique, apesar de sabida a importância do crédito para o desempenho deste sector, o seu acesso é bastante reduzido. Os dados do Inquérito Agrário Integrado 2020 revelam que apenas 0,6% dos pequenos e médios produtores tiveram acesso a crédito (de investimento e de campanha) das instituições bancárias. Uma das justificações para a existência de fraca disponibilização de crédito para o sector agrícola é, por um lado, ser considerado uma actividade de longa rotação produtiva e de capital de médio e longo prazo, constituindo, assim, uma desvantagem em relação a outros sectores. Isto é, o ciclo biológico das culturas, das árvores e dos animais pode tardar meses e anos, o que significa mais riscos (por exemplo: clima, doenças e pragas) e com prováveis alterações no mercado de dinheiro (taxas de juros, períodos de empréstimo, etc.).

Por outro lado, a agricultura é uma actividade com um ciclo produtivo de intensidade variável, o que implica custos distribuídos de forma desigual e consequentes diferentes necessidades de recursos financeiros, obrigando a financiamento de tesouraria ou para toda a campanha agrícola (Mosca *et al.*, 2013).

Apesar destes riscos, tem sido frequentemente estudado o efeito do crédito sobre diferentes variáveis económicas e agrárias, como, por exemplo, no aumento da produção, produtividade e no PIB agrário.

Awotide *et al.* (2015) procurou estudar o efeito do acesso ao crédito sobre a produtividade agrícola na Nigéria, utilizando o Modelo de Regressão de Comutação Endógena (ESRM), e concluiu que o acesso ao crédito tem um efeito importante e positivo na produção de mandioca, bem como na produção agrícola, em geral. Chisasa & Makina (2015) investigaram a relação dinâmica entre os empréstimos bancários e a produção agrícola na África do Sul, com base numa série temporal entre 1970 e 2011. Usando o teste de cointegração de Johansen, chegaram à conclusão de que os investimentos, a longo prazo, têm um efeito positivo e significativo na produção agrícola. Utilizando um Error Correction Model (ECM), constatam que, por outro lado, a curto prazo, o crédito bancário tem um impacto negativo na produção agrícola, reflectindo as incertezas do crédito institucional (do Estado) na África do Sul.

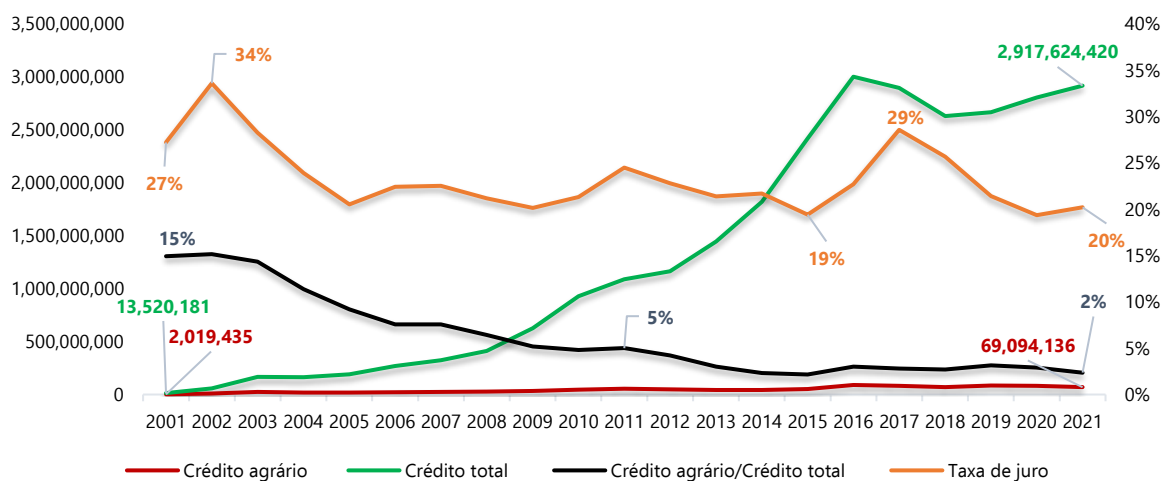
No caso de Moçambique, Mosca *et al.* (2013) estudaram a relação entre crédito e a produção agrária, com base num modelo de regressão linear múltipla e chegaram à conclusão de que, à excepção da taxa de juros, o volume de crédito à agricultura possui uma correlação positiva e forte com o PIB agrário.

Grande parte das iniciativas de financiamento da agricultura em Moçambique fracassaram devido a um conjunto de razões, principalmente relacionadas com a forma de concepção e implementação desses projectos de financiamento agrário, bem como com o nível de transparência, como foi o caso do vulgo "7 milhões" e fundos (por exemplo, no âmbito do ProIRRI) e alguns fundos, como o FDA no MASA, das fábricas de arroz em Chokwé e Vale do Zambeze, a construção/recuperação de regadios, a importação de máquinas para o vale do Zambeze, entre muitas outras. A mais recente estratégia de introdução de crédito rural é do programa SUSTENTA, iniciado pelo então MITADER, que possui uma componente de financiamento, não sendo ainda possível tirar conclusões, visto que o programa se encontra na fase inicial de implementação.

3. ANÁLISE DE DADOS

Gráfico 1

Evolução do crédito agrário e total (em valores nominais), proporção do crédito agrário no crédito total à economia (MZM) e taxas de juro de referência do BdeM



Nota: A proporção do crédito agrário no crédito total e a taxa de juros foram colocadas na segunda escala do gráfico, para melhor visualização.

Fonte: BdeM.

No Gráfico 1, pode-se observar que o volume do crédito agrário é crescente, mas divergente em relação ao crédito total à economia. Entre 2001 e 2021 o crédito agrário cresceu 34,2 vezes e o crédito total, no mesmo período, cresceu 215,8 vezes, em valores nominais. A percentagem de crédito destinado à agricultura, ao longo do período analisado, foi de cerca de 3% em relação ao total do crédito à economia. Verifica-se que os bancos comerciais aplicam taxas entre 5 e 10% acima das já altas taxas de referência definidas pelo Banco de Moçambique, o que necessariamente contrai a procura de dinheiro.

O crescimento do crédito total à economia acontece depois de 2008 e, em particular entre 2012 e 2016, o que coincide com um ciclo político de Armando Guebuza e o suposto "boom" da economia, com crescimentos do PIB acima de 7% ao ano. Depois de 2016, a redução do crédito está associada ao período pós-descoberta das "dívidas ocultas" que culminou com a suspensão do apoio directo ao orçamento por parte da cooperação e a redução da capacidade do Governo em contrair empréstimos no mercado internacional devido à perda de credibilidade da governação e da situação política e económica do país. Como opção alternativa, o Governo, a partir do terceiro trimestre de 2015, recorreu à dívida interna junto do Banco de Moçambique e dos bancos comerciais (CIP, 2019).

Gráfico 2
Evolução do crédito aos sectores com maior volume de crédito

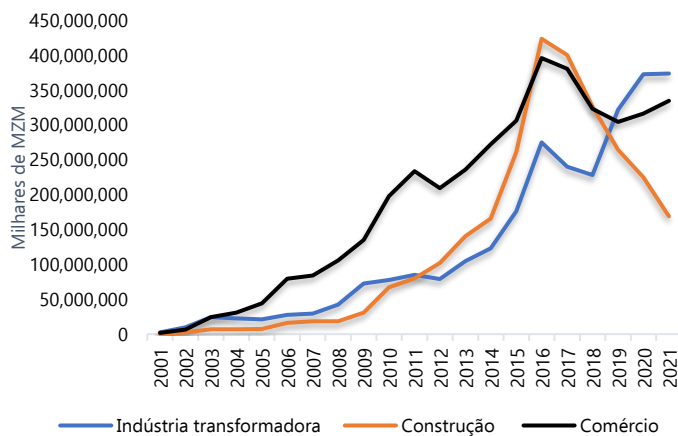
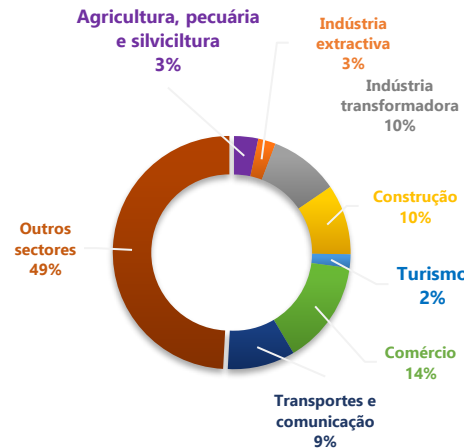


Gráfico 3
Distribuição do crédito por sector 2001-2021



Fonte: BdeM.

Analisando a evolução do crédito aos sectores de actividade que absorvem maior volume de crédito (gráfico 2), verifica-se que o crédito para estes sectores apresentou uma tendência crescente. Em 2016, observa-se uma queda do volume do crédito para estes três sectores, sendo que, nos anos posteriores, o crédito para o sector da construção continuou a decrescer.

De acordo com os dados sobre a distribuição sectorial do crédito (gráfico 3), os Outros Sectores (como, por exemplo: crédito às famílias, crédito particular, crédito à electricidade e águas) foram os que mais beneficiaram, seguindo-se o sector do comércio, indústria transformadora e construção. A agricultura beneficiou apenas de 3% no período analisado.

Gráfico 4.
Evolução do crédito agrário por produto

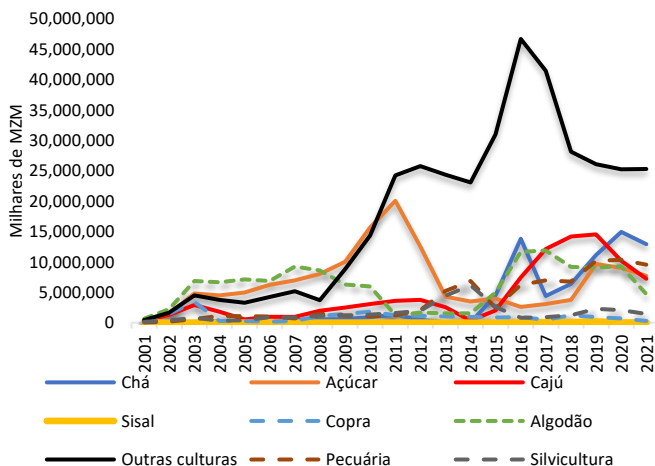
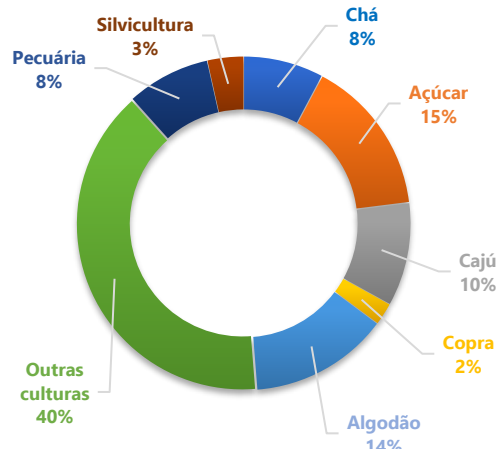


Gráfico 5.
Distribuição do crédito no sector agrário (2001-2021)



Nota: Não foi possível especificar as culturas que se encontram na rúbrica "outras culturas" no gráfico 4, porque a base de dados disponibilizada pelo Banco de Moçambique não especifica quais as culturas que a compõem. Tentou-se obter essa informação junto do BM mas ainda não foi recebida.

Fonte: BdeM.

Conforme se observa no gráfico 4, os volumes de crédito destinados ao sector agrário apresentam variações significativas ao longo do período. De 2010 a 2015, o açúcar foi a cultura que maior crédito recebeu. Este crescimento pode ser influenciado pelo valor (um pouco mais de 6 milhões de euros) disponibilizado pela União Europeia no contexto de Apoio financeiro para melhorar a eficiência e diversificar o sector açucareiro (Nova, *et al.*, 2019).

A partir de 2015, verifica-se um importante crescimento do volume de crédito nas culturas caju, algodão e chá. A silvicultura registou um pico importante em 2014. No sector da pecuária o crédito registou um importante crescimento a partir de 2015, podendo estar relacionado com o crescimento do sector avícola e da bovinicultura, onde se registaram aumentos importantes dos efectivos.

As culturas que mais beneficiaram do crédito entre 2001 e 2021 foram o açúcar, algodão e caju com cerca de 15%, 14% e 10% do crédito total ao sector, respectivamente.

RESUMO

Do texto e análise dos dados pode-se concluir o seguinte:

- No período de 2001 a 2021, o crédito agrário representou cerca de 3% do crédito total à economia. O volume do crédito à agricultura apresenta uma tendência crescente, em termos nominais.
- O crédito total é destinado, maioritariamente, aos sectores do comércio, construção e indústria transformadora.
- O crédito agrário destina-se, principalmente, às médias e grandes empresas que produzem produtos principalmente para exportação, como o açúcar, algodão e chá. O somatório do crédito para estas culturas, representa 39% do total de crédito agrário concedido entre 2001 e 2021. Segundo o IAI 2020, somente 0,6% dos pequenos e médios produtores tiveram acesso a crédito.

Em síntese, uma pequena parte do crédito à economia destina-se ao sector agrário e, este, concentra-se nas grandes empresas relacionadas com a exportação de *commodities*.

Existem constrangimentos, tanto do lado da oferta, resultante dos condicionalismos bancários enquanto instituições comerciais (garantias, prazos de desembolso, documentação dos mutuários, riscos da actividade, maior rentabilidade com empréstimos a outros sectores, etc.), como da procura (posse de património para as garantias, formação e cultura bancária, volumes de crédito/negócio, distâncias das agências bancárias, etc.). Em termos comerciais, é mais atractivo para os bancos conceder crédito a sectores de actividade não-agrária devido aos menores riscos, períodos mais curtos de retorno de capital, maiores garantias e organização empresarial. Isto é, o sector agrário não é competitivo na alocação do dinheiro pelo mercado.

Por outro lado, e em relação aos pequenos produtores, seria necessário estudar se o crédito constitui um obstáculo inicial importante para o aumento da produtividade e da produção. Ou se existem outras formas de financiamento das actividades, como fundos de crédito a taxas subsidiadas bem geridos e de forma transparente, a permuta de trabalho, o *xitique*, o crédito a ser pago com produto da exploração, entre outras.

BIBLIOGRAFIA

AWOTIDE, B.A. *et al.*, (2015). *Impact of access to credit on agricultural productivity: evidence from smallholder cassava farmers in Nigeria*. In: 29th international conference agricultural economists, 8-14 August 2015, Italy, p.1-33.

BAHŞI, N. & Çetin, E. (2020). *Determining of agricultural credit impact on agricultural production value in Turkey*. *Ciência Rural*, Santa Maria, v.50:11.

Centro de Integridade Pública (2019). *Custos e Consequências das Dívidas Ocultas para Moçambique*. CIP. Maputo.

CHISASA, J.; Makina, D., (2015). *Bank credit and agricultural output in South Africa: cointegration, short run dynamics and causality*. *The Journal of Applied Business Research*, v.31, n.2, p.489-500.

MOSCA, J.; Bruna, N.; Perreira, K., Dadá, Y. (2013). Crédito agrário. *Observador Rural*, nº 11. Observatório do Meio Rural, Maputo.

NOVA, Y. (2019). *Agricultura: produz-se o que não se consome e importa-se o que se consome*. *Destaque Rural*, nº 62. Observatório do Meio Rural, Maputo.

ODHIAMBO, W. (2007). *Financing African Agriculture: Issues and Challenges*. paper to be presented at the Second African Economic Conference at the United Nations Conference Centre (UNCC), Addis Ababa, Ethiopia 15-17.

REHMAN, A. *et al.*, (2017). *Is credit the devil in the agriculture? The role of credit in Pakistan's agricultural sector*. *The Journal of Finance and Data Science*, v.3, n.1-4, p.38-44.